

Brasília, ano XX: a hora de repensar

P — Brasília deu certo?
Dubugras — Sob certos aspectos de ocupação do interior do País, há coisas positivas, e sob o ponto de vista de arquitetura e de urbanismo, há restrições fortes a respeito do que era o ideal e a realidade que temos de uma cidade com discriminações muito mais acentuadas do que a maioria das cidades brasileiras.

A idéia era que o plano-piloto, a única coisa que foi efetivamente planejada, fosse o limite da cidade, e que as cidades-satélites fossem sendo planejadas na medida em que Brasília fosse atingindo uma população próxima da sua capacidade. Essas cidades seriam tão boas como Brasília em termos de habitação, boas condições de vida etc. Entretanto, Brasília é um bairro de luxo e as satélites, cidades-dormitório ou favelas-dormitório, localizadas a uma distância média de 30 quilômetros, têm uma população totalmente dependente e sem nenhuma das boas coisas. A igualdade de condições de vida não passou de ideal e existe uma discriminação fortíssima. Vive em Brasília quem pode pagar, e quem não pode já foi expulso para uma cidade-satélite mais longe. Então, como cidade justa para a população, eu diria que Brasília não deu certo.

Aleixo — Em média, as pessoas que vieram do interior para Brasília encontram aqui condições de vida melhores do que tinham, o que não é incompatível com o que foi dito; apenas complementa. Mas, se fizermos uma pesquisa, veremos que os habitantes das cidades-satélites encontraram melhores condições do que tinham antes de chegar, em termos de escola e saúde. Seriam duas considerações: de um lado, o ideal que não foi conseguido; de outro, a constatação de como essas famílias viviam antes.

Coutinho — A pergunta tem implicações maniqueístas. Ninguém faz essa pergunta sobre o Rio de Janeiro, São Paulo ou Belo Horizonte. Independente de qualquer consideração, Brasília é uma realidade, com mais de 1 milhão de habitantes só na área do Distrito Federal, sem contar todo o processo de urbanização decorrente da presença de Brasília na região, que se estende ao longo da Belém-Brasília e outros eixos de penetração. Se isso é dar certo, Brasília deu certo. A avaliação de qualidade implica a fixação de certos critérios e referências. Deu certo ou errado em relação a quê? Em relação a intenções iniciais? O ideal colocado na proposta de Brasília seria isso? A resposta depende do ângulo sob o qual foi examinada a cidade como experiência. Poderia ser sim ou não.

Tito Nícias — Brasília tem algumas características na sua fundação diferentes das de São Paulo e do Rio. Foi projetada para ser livre e democrática, sem as disparidades econômicas e sociais enormes. Sob esse aspecto, não deu certo. Em seus 20 anos, viveu 16 sob regime autoritário e castrador, o que deve ter consequências mercedoras de análise. Seu espírito foi deformado e, como a sede do governo é aqui, as implicações políticas, emocionais e psicológicas sofrem talvez mais de perto. Um exemplo: Brasília, que deveria ser livre, aberta, cheia de espaços e criativa, passou a ser vista como prisão ideal, em determinada época, porque, sendo toda descampada, fugir dela seria mais difícil. Com um helicóptero poder-se-ia interceptar qualquer assaltante ou terrorista na mesma hora.

Sob o ponto de vista psicológico, a trajetória é interessante, pois Brasília é algo completamente novo, e o novo realmente causa muita angústia. Desde sua concepção, provocou reações enormes, porque era o desconhecido, uma loucura. Mas seus idealizadores tiveram coragem e uma mente muito saudável, pois não ficaram com medo do novo.

Brasília desperta angústia, pelo novo, e é comum dizer-se que causa neurose, a Brasília, mas não pode ser responsabilizada como fator de distúrbios mentais, pois a experiência mostra que isso não é verdade. Ela coloca o indivíduo muito mais em contato consigo mesmo, porque se tem mais tempo para conviver, estar com a família, trabalhar. Daí a angústia que não é a mesma do Rio e de São Paulo, onde a vida é muito mais automatizada e o indivíduo não tem peso de pensar em si mesmo. Frente a isso, há os

que enfrentam a angústia, fogem, voltando ao lugar de origem, ou acusam Brasília pelos problemas que já traziam dentro de si. E destaco como positivo o fato de proporcionar essa experiência do indivíduo com ela e consigo mesmo.

Fernando Dias — Muitas perguntas são feitas sobre Brasília, porque a cidade tem uma espécie de consciência comunitária muito viva. Pergunta-se muito sobre a experiência das pessoas que estão aqui, as que migraram ou vieram compulsoriamente. E comparam com muita frequência a sua situação concreta, aqui, com a de origem. Como foi planejada com uma tecnologia social mais avançada, também se indaga se deu certo. Vou procurar responder.

Brasília deu certo do ponto de vista do discurso oficial dos seus criadores: é um fenômeno de mudança, de transformação da sociedade brasileira sob os aspectos de dinamismo demográfico que provocou, de um planejamento moderno, o aparecimento de lideranças. Sob outros aspectos, é um símbolo da transformação social do Brasil, porque essas transformações se dão por influência de fatores como dinâmismo humano, tecnológico e demográfico, mas também certas circunstâncias favoráveis que cercam o aparecimento de lideranças, movimentos sociais, etc.

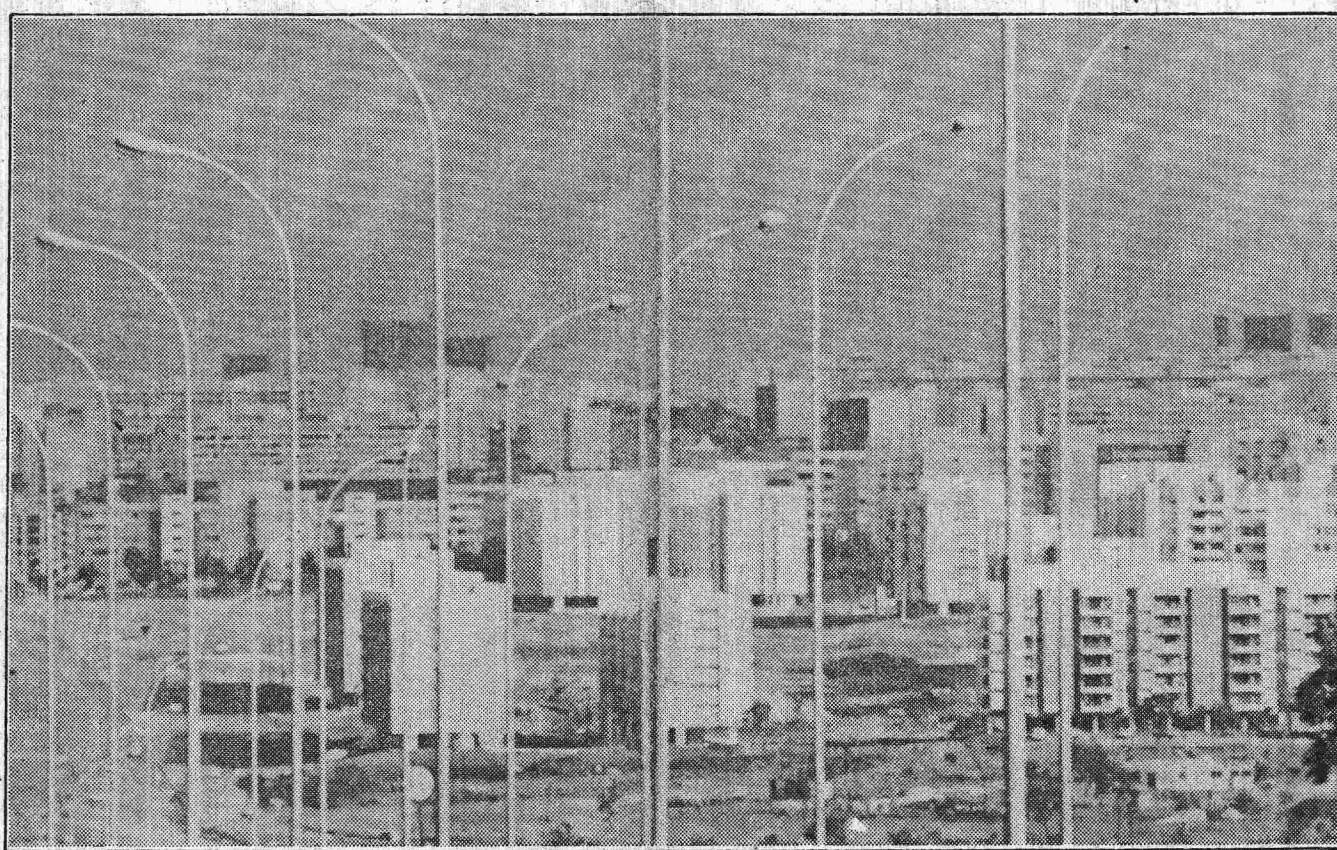
Do ponto de vista do discurso oficial, deu certo porque é uma cidade que desempenhou funções administrativas, de fator de integração geográfica e econômica do País, de ponto de apoio pela penetração nesses grandes vazios demográficos do Centro-Oeste e Amazônia.

Como foi concebido do ponto de vista humanístico e democrático, isso entra em choque não apenas com o regime autoritário, mas também com o próprio capitalismo dependente, que é o sistema econômico em que vive o País. Mas, apesar dos desníveis evidentes entre o Plano-piloto e as cidades-satélites, há coisas positivas, pois é uma cidade que preserva áreas verdes em parte dela, onde a rede escolar satisfaz a demanda de matrículas, embora o nível de ensino tenha decaído muito nos últimos anos, onde há ausência de poluição e possibilidade de auto-reflexão, tanto no nível individual como no comunitário.

Acho que o governo local, pelo contraste entre a intenção dos criadores e as limitações do próprio econômico, deveria fazer alguma coisa pela população carente que não dependa da estrutura sócio-econômica do País. Uma espécie de contrapartida, dotando as satélites de equipamentos urbanos básicos.

Renato Azeredo — Brasília deu certo, porque teve por inspiração maior o sentido de penetração e ocupação da Amazônia e, em decorrência dela, estradas se rasgaram como a Belém — Brasília, a Brasília — Acre, a Brasília — São Paulo, a Brasília — Belo Horizonte, enfim, um sistema viário se estabeleceu e, faço questão de frisar, atendendo ao objetivo de dar à Nação um atendimento equânime.

Como qualquer cidade do mundo, oferece diferenciações de ordem social, mas acho que Brasília não pode jamais ser responsabilizada pelo clima de supressão das liberdades que a Nação viveu. Talvez até tenha minimizado os males nesses 16



anos, porque aqui as soluções são tomadas com maior tranquilidade, sem atropelo emocional. As administrações podem atuar mais livremente, e talvez a violência se desencadeasse em termos multiplicados, se a capital continuasse no Rio.

Aleixo — Gostaria de fazer alguns comentários sobre o problema de participação política. É que Brasília, em grande parte, se deveu a uma iniciativa, a uma pergunta popular: em 4 de abril de 1955, Juscelino Kubitschek desceu de Jataí para um comício e, ao terminar, um dos presentes perguntou se ele estaria disposto a cumprir a Constituição, de modo particular em relação à transferência da Capital.

Então ele acrescentou às suas 30 metas anteriores a meta síntese que era Brasília. Portanto, vemos que nasceu da participação popular e nos perguntamos hoje onde está essa participação nos problemas de Brasília e onde estão seus representantes no Congresso? Creio que um de seus problemas é exatamente esse: não ter representantes próprios que apresentem suas dificuldades em âmbito nacional, bem como os anseios da população. Sua situação é apenas semelhante à do Território de Fernando de Noronha e, no entanto, as diferenças são óbvias.

Temos vocações políticas que não estão sendo aproveitadas e sentimos isso, de modo particular, nas universidades. Creio que essa deficiência deveria ser corrigida com urgência, pois alguns de seus problemas se devem ao fato de o povo não ser suficientemente ouvido, como no setor de transportes, nas construções monumentais, no não atendimento às populações carentes.

Renato Azeredo — Estou de pleno acordo e não teria sentido se um parlamentar não defendesse, de maneira entusiástica, a implantação de uma representação popular.

Fernando Dias — É evidente que as tensões sociais, os conflitos sociais devem ser resolvidos pela participação popular. Do ponto de vista doutrinário, é necessário que haja um pluralismo que se manifeste da forma mais ampla e democrática possível. Então, não há razão

para que uma população de mais de 1 milhão de habitantes seja marginalizada das decisões políticas.

Além disso, a própria função e organização social da cidade indicam sua vocação política, é aqui que se decidem os destinos do País. Os jornais de Brasília e as sucursais dedicam amplo espaço ao noticiário político, que é a principal atividade objeto desse noticiário. Portanto, sob o ponto de vista teórico, é muito importante que a cidade tenha representação. Além da representação, é preciso que se mobilize a população para que ela contribua para que o poder central se sensibilize para esse problema que é relevante, prioritário para Brasília.

Coutinho — Eu vejo relacionado também com a pergunta que muitos dos desacertos ocorridos nesses 20 anos de Brasília se devem exatamente à forma de governo de que a cidade tem sido vítima. O autoritarismo e o centralismo se refletem de forma mais direta aqui do que em qualquer outra cidade. Brasília é tutelada pelo poder federal, vive de mesada e aos 20 anos ainda não foi emancipada. É administrada por gerentes designados pelo poder federal que chegam às vezes sem identificação com a cidade, sem nenhuma vivência, apenas para ocupar, via de regra, um cargo burocrático. E os desacertos são evidentes.

Daí o descaminho dessas administrações, um enorme desperdício de recursos com obrasuntuárias, reforçando condições de vida do Plano-Piloto que são exatamente as melhores de qualquer cidade brasileira, com uma total desconsideração por aqueles aspectos que exatamente tornam Brasília discutível, injusta, desequilibrada. Então eu vejo o problema da representação política muito ligado a isso. Mas, quando se fala, tenho certa reserva. Tenho defendido por ser a única forma possível de reivindicação neste momento, institucionalizada. Mas tenho profundas dúvidas se isso contribuiria para uma maior representação popular ou se, pelo contrário, iria reforçar certos aspectos classistas e elitistas de que Brasília já padece em alto grau.

Três ou quatro deputados e senadores iriam contribuir para os problemas locais ou iriam transferir-se para uma órbita distante, a da política federal? Pergunto-me qual o acesso que teria o habitante comum de Taguatinga, Brasília, Gama ou Ceilândia a um senador, indicado muitas vezes por um organismo de cúpula com certo poder econômico e representativo socialmente. Parece-me que se deveria falar antes em participação popular, organizada em todos os níveis da população, todas as camadas e espaços do Distrito Federal, rigorosamente popular.

Renato Azeredo — Que a escolha não se processe por via do bionicismo.

P — Brasília tem origens democráticas, mas se beneficiou do autoritarismo. O seu isolamento beneficiou esse autoritarismo e isolou o poder do resto do País. Aqui seria o País formal, enquanto lá fora se vive o País real. Afinal, foi útil a um processo centralizador e de afastamento do governo da Nação?

Aleixo — Creio que isso não é da índole da cidade e deve-se, em parte, à filosofia dos que ocuparam o poder político. Mas esse isolamento devia ter trazido certo benefício no sentido de que a visão dos problemas fosse mais serena. Essa era a idéia inicial. Você estar numa cidade até certo ponto distante, onde, num clima mais propício, seria menos solicitado por distrações diversas que havia no Rio, e pudesse decidir com cabeça fria. Ora, cabe ao governante buscar contato com as diversas regiões e populações do Brasil e auscultar suas necessidades. Lógico que Brasília não foi criada para ser um grande centro industrial. Portanto, você não terá normalmente aqui grandes pressões por parte do operariado, como nos grandes centros.

P — Mas Brasília favoreceria o isolamento cultural, econômico, político e social em relação do resto do País?

Tito Nícias — Acho que as duas observações se complementam. Enquanto se criaram aqui condições para haver uma cabeça bem pensante, idéias surgiram em outras cabeças de natureza autoritária, que inclusive se utilizaram desse isolamento, da falta de representação popular, da dificuldade de se fazer manifestação popular numa cidade toda policiada. A deturpação política foi usada em favor do isolamento.

Dubugras — O próprio nascimento de Brasília vem de uma situação totalmente fortuita e anormal. O relacionamento Oscar-Juscelino, de amizade total, total apoio que Juscelino dava a Oscar e o respeito que Oscar tinha por Lúcio, antigo professor dele. Tudo isso criou condições para que se formasse uma cidade um pouco à margem do que era propriamente o País. De certa forma, era uma utopia no sentido de que um grupo estava fazendo uma cidade, sonhando com alguma coisa melhor, enquanto o País continuava a ser aquilo que era e sempre foi.

Pelas condições de espaço e liberdade, Brasília é uma cidade onde qualquer manifestação política, comício ou passeata é impossível. Em frente ao Congresso Nacional, qualquer multidão é algo de um ridículo total. Há quase total impossibilidade de manifestação de qualquer espécie. A avenida W-3 é o lugar de manifestação de qualquer espécie. A avenida W-3 é o lugar que tem maior escala possível, mas como fazer comício na W-3.

Coutinho — Do ponto de vista geográfico é claro que há um certo isolamento é uma cidade da qual é difícil sair, porque tem portões. Por outro lado, no reverso da medalha, também seria fácil de ser sitiada, o que é perigoso para um poder autoritário. Tanto que se pensou até em retroceder a ocupação de Brasília pelos idos de 68, e voltar a cidades mais próximas das coisas que estão acontecendo e fermentando.

Do ponto de vista interno, é uma cidade inventada pelo poder e para o poder, e sua decisão, embora a mais respeitável e idealista, foi centralista também, personalista. Sua execução e concepção padeceram de certo individualismo, é necessário reconhecer. Daí refletir certos cacocetes desse processo, certos vícios. É uma cidade onde o espaço poderia sugerir uma idéia de liberdade. Tem "n" opções de movimento em qualquer ponto que o indivíduo se situe, e essa liberdade às vezes confunde e perturba. Mas conduz também à dispersão, ao

passo que as cidades tradicionais conduzem mais à concentração. Com suas distâncias e suas escalas, acentuadas por outros fatores como tipo de população e sua renda, cria condições complementares de isolamento. Um exemplo é o transporte, e o indivíduo se coloca no seu automóvel, seu casulo metálico. O transporte coletivo só é usado por uma parcela da população, relativamente grande, mas muito característica.

Renato Azeredo — É uma cidade em que predomina o funcionário, uma cidade de militares, agentes, por consequência, de pressionamentos.

Fernando Dias — Até mesmo a construção civil depende muito do governo e é controlada por ele de alguma forma.

Renato Azeredo — Divirjo quando aqui foi dito que Brasília isolou o governo dos problemas do resto do País. O mesmo se dizia quando a Capital se fixava no Litoral. Aqui a visão é até mais ampla, porque a Capital se implantou no centro geográfico do País, e o brasileiro, hoje, tem uma visão mais precisa dos problemas nacionais.

Fernando Dias — Gostaria de abordar o problema cultural de Brasília. Fala-se muito em condições favoráveis para o trabalho intelectual, mas a produção não me parece correlata. Não sei como explicar isso. Eu me refiro à produção literária, científica, ao esporte. Essa é uma primeira constatação.

A segunda é a de que Brasília tem certas características peculiares do ponto de vista social e comunitário para a vida cultural. Mais do que qualquer cidade, é ponto de convergência de culturas regionais. Isso é importante, porque a idéia estereotipada é a de que a cidade — meio urbano — impõe sua cultura superior às populações rurais que afluem para ela. Está acontecendo coisa diferente: a cultura dita tradicional é que está ocupando vazios na sociedade. Outra verificação é a de que a criação artística, pela falta de canais políticos, se transformou em meio de expressão e participação. Há manifestações peculiares na criação cultural da juventude. Isso é extremamente positivo, essa efervescência artística e cultural, mesmo que seja de valor discutível.

A geração que se criou aqui e a que veio de outros locais criam coisas, independente das instituições oficiais, da política cultural oficial. Esse fato está em contraste com certa esterilidade das entidades oficiais já estabelecidas.

Aleixo — Creio que poderíamos ressaltar a preocupação de um grande setor em adquirir conhecimentos universitários. O número de universitários noturnos, principalmente nos estabelecimentos particulares, é muito grande. Outro aspecto é a abundância de bibliotecas e seu bom nível: na Esplanada dos Ministérios existem oito, a da UnB é muito bem estruturada, a da Câmara dos Deputados, uma das melhores do País. E o acesso a elas é relativamente fácil; a da UnB funciona até meia-noite.

P — Seria o caso de discutir por que a essa oferta de cultura não corresponde uma grande criatividade?

Tito Nícias — Não há possibilidade de se criar se não houver condições psicológicas. Não adianta biblioteca bem sortida, se não há mentes aptas a usufruir isso. Não existe estímulo oficial ao desenvolvimento da

cultura e isso talvez explique, em parte, por que a cultura interiorana está tendo um trânsito maior do que a urbana. Na cidade se pensa muito mais, se cria de maneira mais engajada, mais política. Como isso não é estimulado, cria condições para que a cultura mais inocente e desengajada, prevaleça. O governo teme o intelecto, a percepção, a criatividade.

P — Por que em certas áreas engajadas à falta de criatividade também se revela? Por que a "mesmice" da arquitetura das casas do Lago?

Tito Nícias — Insisto no fator medo. Medo pelo novo. Parece que no Lago a população transplantada resolveu edificar o já conhecido, recriar aqui o que existia em suas cidades. Sob esse aspecto, a população não pode absorver a proposta de Brasília, de criar dentro do seu espírito.

Coutinho — Sobre esse problema de criatividade, não aceito integralmente a opinião do Fernando Dias. O que parece é que a população de Brasília é muito mais portadora de cultura do que criadora. Não houve tempo para se formar uma geração capaz de criar, mas de formar alguns grupos vindos de fora com influências culturais das suas origens. Temos músicos, artistas plásticos de renome nacional e internacional e poetas, e até surpreende o esvaziamento do movimento editorial. Existem cineastas excelentes, movimentos de teatro jovens que poderão produzir coisas de valor. Acho que há um esforço criativo, mas principalmente se reproduz cultura. Percebe-se a cultura popular, tradicional, mais nas cidades-satélites, com violões, nas feiras, fazendo desafios. Brasília é ainda importadora, e aí as influências nem todas são muito saudáveis.

Sobre a arquitetura, há a oficial e a informal. Essa última produz um enorme festival, como acontece em qualquer cidade brasileira onde a boa produção é minoria. A arquitetura, apesar de regulamentada, é exercida por muitos elementos não qualificados, inclusive por maus arquitetos. Isso reflete o gosto e a formação cultural dos clientes que constroem. Sem falar na auto-arquitetura. Isso dá esse circo de horrores que é a avenida L-2, a W-5 e o Lago, que continuo achando caso para psicanalista, pois se projetam todas as nostalgias e frustrações. É o que se faz nos jardins em São Paulo, nas outras cidades. Só que aqui fica mais gritante pelo contraste com a arquitetura disciplinada e até certo ponto avançada. O que contribui para o estereótipo da arquitetura aqui, tanto a oficial como a informal, é que muito do que é feito é concebido fora.

Muitas realizações são feitas por via política ou econômica, através de empresas fundadas em São Paulo, Rio e Belo Horizonte, onde são vendidos "pacotes" de arquitetura.

Renato Azeredo — Quero lembrar que não houve tempo ainda para manifestações de criatividade. O estilo próprio começará a surgir agora, segundo é minha impressão. Na arquitetura, razões comerciais e econômicas estão levando a esses rumos. Mas o tempo dará outro sentido à criatividade.

Fernando Dias — Gostaria apenas de concordar em parte com a retificação que o Coutinho fez às minhas observações. Quando falei na esterilidade da produção intelectual, estava me referindo a casos bastante concretos de escritores muito produtivos que, tendo-se transferido para Brasília, produziram muito pouco, apesar das condições presumivelmente favoráveis de trabalho aqui. Também devo ressaltar que há intelectuais ligados à tecnocracia que se exaurem no trabalho de assessoramento e produzem pouco.

Estou de acordo que há uma produção transplantada, que é muito importante e mais significativa no cinema, na arquitetura, na poesia, de gerações mais recentes de todos esses ramos artísticos. E gostaria de insistir em que, embora a nova geração não tenha condições sociais e políticas para produzir e firmar-se criativamente, é inegável que há uma insatisfação — o que é muito positivo —, que há uma efervescência intelectual das novas gerações daqui, que estão quebrando as convenções estéticas, organizando-se de modo diferente, circulando sua produção de outra forma.



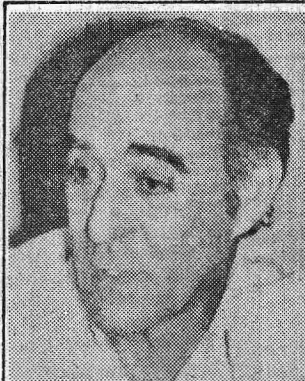
Elwin Dubugras

"Como cidade justa, Brasília não deu certo"



Tito Nícias

"Ela coloca o indivíduo muito mais em contato consigo mesmo"



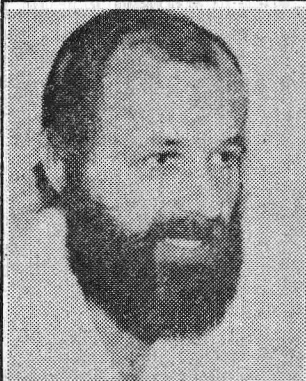
Fernando Dias

"... é tutelada... vive de mesada... ainda não foi emancipada"



José Carlos Aleixo

"O povo não é suficientemente ouvido"



José Carlos Coutinho

"Uma cidade da qual é difícil sair, porque tem portões"



Renato Azeredo

"Uma cidade em que predomina o funcionário, o militar, o agente"